

## A CRIANÇA NA CRECHE E O SEU REMANEJAMENTO

Cláudia Regina Pinto Michelli<sup>1</sup>

Este artigo trata do remanejamento de crianças numa instituição de Educação Infantil situada em uma cidade do estado de Santa Catarina, a partir da sua idade, tendo sido eixo central de uma pesquisa de mestrado<sup>2</sup>, que teve, entre outros objetivos, o de analisar a fala das crianças, de seus pais e de educadoras em relação a esse processo.

Apresenta-se, neste artigo, uma parte da pesquisa, na qual tivemos o intuito de ouvir o sujeito infantil no interior da creche, sendo que, para isso, optamos por entrevistar as crianças remanejadas, todas de 3 anos de idade, e considerar suas vozes e pontos de vista a partir dessa experiência específica. Consideramos que, ouvindo a criança falar sobre sua experiência em relação ao remanejamento, seria possível direcionar reflexões em torno dela no contexto da creche, bem como suscitar um olhar mais atento do adulto no sentido de considerá-la como alguém ativo, e não, passivo, para a inculcação de verdades. Além disso, se considerássemos somente a voz das educadoras e as nossas observações, enquanto pesquisadoras, as crianças transformar-se-iam em objetos, e não, em sujeitos. A esse respeito, Sarmento e Pinto (1997) se manifestam e explicam que

A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como *menores* [...] implica o reconhecimento da capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é em culturas. [...] Os estudos da infância [...] tem geralmente negligenciado a auscultação da voz das crianças e subestimado a capacidade de atribuição de sentido às suas ações e aos seus contextos (SARMENTO e PINTO, 1997, p. 20 – 22).

Entrevistar crianças e considerá-las agentes ativos para a construção de pesquisas científicas se constitui iniciativa que vem marcando o campo da sociologia da infância há pouco mais de uma década. Sociólogos da infância reuniram-se, pela primeira vez, em 1990, no Congresso Mundial de Sociologia, para discutirem sobre o processo de socialização da criança e a influência exercida sobre esta por instituições e agentes sociais. (QUINTEIRO, 2005).

O remanejamento da criança refere-se à mudança de grupo quando esta atinge uma determinada idade cronológica. Assim, crianças que iniciam sua rotina na creche aos quatro

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), situada em Blumenau, Santa Catarina. E-mail para contato: claudia@tpa.com.br

<sup>2</sup> A dissertação que apresenta esta pesquisa intitula-se “EU JÁ SOU GRANDE”: Um estudo sobre o remanejamento da criança na creche e se encontra disponível na Biblioteca Central da FURB. O trabalho foi orientado pela professora Dr<sup>a</sup> Julianne Fischer da mesma instituição.

meses são remanejadas ao Maternal I quando completam um ano e seis meses; crianças que frequentam o Maternal I são remanejadas para o Maternal II quando atingem a idade de três anos. Assim, o referencial utilizado para o remanejamento é o aniversário da criança, ou seja, a idade cronológica.

A análise dos dados apoiou-se na sociologia da infância, que se propõe

[...] a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermediário de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles. Porém mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre a infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. (SARMENTO, 2005, p. 363).

Compreendendo a creche como um espaço desenvolvido para a criança, acreditamos que seja necessário discutir esse espaço numa perspectiva sociológica, visualizando em que medida a criança é protagonista da sua história institucionalizada. Não há como refletir sobre a criança e sua infância na creche sem considerá-la como sujeito social envolvido com as crenças, os valores, os costumes, o momento histórico-econômico atual e sua história individual.

## **1. A CRIANÇA NO INTERIOR DA CRECHE: SUA VOZ, GESTOS E AÇÕES DURANTE O REMANEJAMENTO**

Neste artigo, destinado ao sujeito infantil no interior da creche, analisaremos o que ouvimos das crianças remanejadas sobre sua experiência durante esse processo, bem como o que ouvimos dos adultos que compõem esse espaço. Veremos que os adultos investem num discurso com o fim de potencializar na criança a aceitação do fato de serem remanejadas para outro grupo e que as crianças, por sua vez, incorporam e repetem os dizeres desses adultos, embora suas ações e modos de conviver no ambiente revelem iniciativas diferenciadas encontradas para burlar a regra institucional de ser remanejada.

Entrevistamos e observamos as crianças durante a primeira semana após o seu remanejamento para o Maternal II, fizemos os registros dessas observações em diário de campo e, em alguns momentos, as fotografamos. Também entrevistamos as suas mães, sendo que visitamos cada uma delas em suas casas com o intuito de deixá-las expressarem seu

entendimento sobre esse processo. As entrevistas com as crianças aconteceram em diferentes situações, individualmente ou em meio a outras crianças. A participação da criança numa pesquisa,

Acarreta aceitar que elas podem falar em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas. [...] Logo, envolver as crianças mais diretamente nas pesquisas pode resgatá-las do silêncio e da exclusão, e do fato de serem representadas, implicitamente como objetos passivos. (ALDERSON, 2005, p. 423).

Em meados do ano de 2005, acompanhamos o remanejamento de João e lhe perguntamos sobre o motivo de ter ido para o Maternal II. Ele não respondeu e ficou em pé olhando para o chão, imóvel. Encontramos em Demartini (2002, p. 8) uma explicação para o silêncio de João diante de nossa pergunta:

Temos as crianças que falam, mas também temos processos de socialização que levam a não falar [...]. É importante apreender esses diferentes contextos e também aprender a trabalhar com aquilo que é dito e com aquilo que não é dito, porque temos, principalmente no caso de crianças, esse contexto de pouca fala. Isso demanda do pesquisador enfrentar uma dificuldade muito grande, que é como entender o que não é dito ou aquilo que é dito numa palavrinha só, o que aquilo sintetiza.

Apesar de João ter aceitado ser entrevistado, não quis falar sobre a sua ida para o Maternal II. Porém, demonstrou, por meio de ações, a situação que vivenciava. Apresentava desconforto em estar em meio a crianças diferentes, ficava caminhando pela sala com seu travesseiro e chupeta e optava por brincar sozinho, diferente do que ocorria quando chegava ao parque e encontrava a sua antiga turma brincando, no caso o Maternal I: logo se dirigia ao grupo e interagia com os colegas. Isto está registrado na Foto 1.

Foto 1: João brincando com seus amigos do Maternal I no “carrinho-balanço”



Fonte: Cláudia Michelli (junho de 2005).

Todas as crianças que aparecem na Foto 1 brincando no “carrinho-balanço” fazem parte do Maternal I. Do lado esquerdo, vestido com blusa vermelha, está João, criança remanejada para o Maternal II.

Embora tenha tido que freqüentar o Maternal II por ter completado três anos, João buscou rever seus amigos e compartilhar situações de brincadeira com eles. Neste sentido, entendemos a creche como um lugar de construção e partilha de valores, um lugar onde se estabelecem relações de amizade, tanto com outras crianças quanto com adultos. O remanejamento de João significou uma ruptura entre os vínculos criados até então.

Por meio das relações estabelecidas com o outro, a criança cria uma rede de significações em relação a um grupo. A norma da instituição especifica uma data para o remanejamento da criança. No entanto, esperar que ela aceite sem contestar essa norma predeterminada é subestimar a sua capacidade de escolhas, interações, valores construídos, vínculos afetivos e demais atributos de compreensão do que é um relacionamento estabelecido com outras crianças e também com adultos. Embora a criança não conteste com palavras, suas ações evidenciam a necessidade que tem de estar com os seus. Araújo (2005) afirma que, para concebermos a criança como sujeito de direitos, precisamos reconhecê-la como artífice na construção de um mundo compartilhado, no qual suas ações, suas palavras, sua história seja respeitada, ouvida e compartilhada.

Durante um dos primeiros dias após o remanejamento de João, procuramos sua mãe para entrevistá-la. A mãe de João afirmou:

De noite, ele diz para mim que quer ir para a creche, mas de manhã ele já começa a chorar e diz que não quer ir. Em casa ele diz que quer o Felipe. Eu gostaria que ele ficasse com o Felipe porque ele gosta do menino. Eu gostaria que ele ficasse lá com o Maternal I por causa do Felipe. As tias disseram que ele ficaria cada dia um pouquinho na sala do II; agora ele já está direto no II.

João tinha, no Maternal I, uma relação de amizade com Felipe. Sempre brincavam juntos. Eram amigos em todas as situações da rotina da creche. Felipe não havia completado a idade para ser remanejado, o que fez com que João passasse por esse processo sem o seu amigo. Em diferentes momentos, presenciamos João tentando estabelecer um diálogo com Felipe. Conseguimos registrar em fotografia uma situação criada por João para ver e conversar com seu amigo Felipe. (Foto 2)

Foto 2: João chamando o seu amigo pela janela



Fonte: Cláudia Michelli ( junho de 2005).

Como podemos observar na Foto 2, João subiu pelo lado de fora da janela do Maternal I e acenou insistentemente para Felipe com a intenção de que o amigo fosse ao seu encontro para conversarem. Várias vezes, João subiu na janela – pois não conseguia segurar-se por muito tempo – até que Felipe o viu, foi até a janela onde ficaram conversando por algum tempo. João pôde fazer isto, pois, nesse dia, as crianças do Maternal II tinham ido brincar no parque que fica nas proximidades da sala do Maternal I.

A amizade entre crianças na creche foi discutida em alguns momentos por Fernanda Carolina Dias Tristão (2005), em sua dissertação de mestrado. Além de discutir, em sua pesquisa, sobre a concepção que professoras de Educação Infantil têm sobre criança, Tristão (2005) presenciou, na creche em que fez a coleta de dados, a experiência do remanejamento vivenciada por uma educadora e duas crianças. Em um de seus relatos, a autora expõe:

Lucas, Pablo e Anderson formavam um trio que sempre brincava junto, queriam estar perto um do outro. Assim que um chegava de manhã na sala, ia procurar a companhia do outro para brincar. A professora do grupo apelidou-os de Os Três Mosqueteiros. Um episódio ocorrido pode demonstrar o olhar atento e o respeito da professora para com as preferências afetivas de suas crianças. Lucas e Pablo foram remanejados para o Berçário II. Anderson permaneceu no Berçário I, já que era bem mais novo que os outros dois meninos e não havia mais vagas na outra sala. Anderson, na cerquinha do Berçário I, e Lucas e Pablo, na cerquinha do Berçário II, ficavam abanando uns para os outros. Na primeira oportunidade que tiveram de se reencontrar na área, deram-se um abraço caloroso. Diante disso, a professora falou para a coordenadora que não tinha sentido deixar Anderson no Berçário I, longe dos

amigos, que ele estava deslocado, sentindo falta dos seus companheiros. A coordenadora, diante da cena daquele abraço, remanejou as crianças e conseguiu alocar Anderson no Berçário II. Nesta ocasião, prevaleceu a alteridade do ser criança, que demonstrava desconforto de estar distante daqueles que escolheu como parceiros. (p. 47).

Conhecer a experiência relatada pela pesquisadora mencionada quanto ao remanejamento nos ajuda a refletir sobre o olhar das educadoras no que se refere às crianças na creche. O olhar a que nos referimos não está relacionado a vigiar as crianças, mas a perceber as suas diferentes manifestações em busca dos seus ideais no interior da creche. No caso de nossa pesquisa, João não esqueceu Felipe, e o inverso também aconteceu. Porém, mesmo que várias educadoras tenham presenciado essa situação entre João e Felipe, para o desfecho dessa história, o que falou mais alto foi a norma da instituição, e não, a necessidade do encontro e da convivência entre os dois amigos, como ocorreu na creche investigada por Tristão (2005).

Em média uma semana depois de João ter sido remanejado, Rui também passou por esse processo. Três dias antes de isso acontecer, as educadoras do Maternal I solicitaram às educadoras do Maternal II que conduzissem o processo de “adaptação” de Rui, o qual se deu da seguinte forma: num momento em que as crianças do Maternal II estavam voltando do café da manhã, Joana, educadora do Maternal I, falou para as educadoras do Maternal II: “Eu quero que o Rui fique com vocês um pouco porque segunda-feira ele vai para o II”. Nesse momento, Lúcia, também educadora do Maternal I, trouxe o menino segurando em sua mão, parou no corredor e disse para ele: “Você vai com a tia do II agora; fica lá um pouquinho; lá você vai ter outros amiguinhos”. O menino olhava para ela e prestava atenção. Ele entrou na sala do Maternal II e sentou no chão com as outras crianças. Quando João o viu, rapidamente sentou ao seu lado. As crianças foram chamadas para outro espaço dentro da sala do Maternal II a fim de fazerem enfeites para a festa de São João. Rui sentou junto às outras crianças para pintar os enfeites. Quando terminou o exercício, todas as crianças foram ao parque brincar. Rui percebeu que sua turma do Maternal I também estava no parque e, rapidamente, correu ao encontro dos seus colegas, juntamente com João. Nos outros dois dias em que Rui fez a “adaptação” no Maternal II, observamos sua permanência por pouco tempo na sala, pois logo “fugiu” para o Maternal I.

Durante a primeira semana após o remanejamento de Rui, fizemos a entrevista com ele. Perguntamos se gostava do Maternal II, e ele acenou com a cabeça positivamente. Em seguida, buscamos questioná-lo sobre o remanejamento, querendo saber a razão de ter sido remanejado. Rui nos mostrou três dedos de sua mão, querendo com isso dizer que havia sido

remanejado pelo fato de ter completado três anos. Continuamos olhando um para o outro. Então, resolvi questioná-lo novamente sobre seu remanejamento. Ele, sem especificar o nome, fez referência a uma educadora do Maternal I, assim se expressando: “A tia não deixa”. Com isso, ele quis dizer que a educadora não o deixou continuar no Maternal I. Após Rui ter feito essa afirmação, continuamos fazendo perguntas, mas ele não nos deu mais respostas. Para finalizar, o deixamos livre para dizer mais alguma coisa a respeito do assunto sobre o qual estávamos conversando. Entretanto, ele, por meio de um aceno com a cabeça, nos fez entender que não tinha nada mais a dizer.

Rui revelou, por meio de sua fala, que gostava do Maternal II e que associou sua mudança de grupo ao fato de ter feito três anos, repetindo o que lhe fora dito, o que lhe fora explicado pelos adultos com os quais convivía. Embora tendo afirmado que tinha três anos, que gostava do Maternal II e que a tia não “deixava” ficar no Maternal I, demonstrou, por meio de ações, durante os primeiros dias após o remanejamento, a sua identificação com o grupo anterior. Rui “fugiu” várias vezes para o Maternal I, onde, em muitos momentos, chegou a ficar durante mais de meia hora até que uma educadora daquela sala o levasse de volta para o Maternal II. Durante uma dessas “fugas”, Joana, educadora do Maternal I, resolveu conversar com Rui sobre isso:

Joana: – Quantos anos você fez, Rui?

Rui não respondia. Ficava olhando para o chão com a mão na boca.

Joana: – Você já fez três anos, agora tem que ficar no Maternal II. Lá você vai ter amigos. É que você não conhece ainda eles, mas você vai conhecendo. Aos poucos você vai fazer amizades.

Ele ouvia com muita atenção e continuava olhando para baixo.

Joana: – Fica lá vai, você deve ficar na sala dos grandes. Faz isso para mim que amanhã eu te dou os parabéns.

Rui acenou positivamente com a cabeça. Em seguida Joana deu-lhe um beijo no rosto e levou-o para o Maternal II. (Relato feito em diário de campo).

As palavras ditas por Joana tornam evidentes os dispositivos utilizados pelos adultos para organizarem tanto a vida quanto a socialização das crianças na creche aqui enfocada. A afirmação de Joana quanto ao fato de a idade de Rui implicar o seu remanejamento relaciona-se a exigências institucionais “que ajeitam a vida da criança em função da dos adultos.” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 396) Isto significa que, a partir de uma concepção de que a criança se desenvolve em etapas e de que cada etapa limita faixas etárias, há uma regulamentação do cotidiano como consequência dos relacionamentos da criança com seus pares e adultos, pois, teoricamente, a criança fará parte de outro grupo composto por outras crianças e adultos com os quais não tem vínculos estabelecidos.

Embora haja a regra da instituição no sentido de programar lugares que a criança irá freqüentar e a data em que irá fazê-lo, a criança, por sua vez, procura e encontra diferentes

dispositivos que lhes permitam burlar essa regra. A “fuga” é um deles. Por intermédio da “fuga” e do isolamento, Rui manifestava seu protesto em não aceitar a condição de ser remanejado. Quando encontrava um espaço, Rui procurava estar em meio aos amigos do Maternal I. Se isso não era possível, preferia assumir uma postura de observação do local, ou seja, preferia não interagir com outras crianças do Maternal II e brincar sozinho. Algumas dessas situações estão registradas na Foto 3.

Foto 3: Rui, num canto, observando as demais crianças do Maternal II



Fonte: Cláudia Michelli ( junho de 2005).

A Foto 3 mostra Rui observando as crianças na sala do Maternal II, onde preferia isolar-se e observar os novos colegas, ao contrário do que fazia quando tinha oportunidade de se encontrar com os seus amigos do Maternal I no parque (Fotos 4 e 5).

Foto 4: Rui brincando de gangorra com sua amiga do Maternal



Fonte: Cláudia Michelli ( junho de 2005).

Foto 5: Rui e sua amiga do Maternal I brincando de colocar areia na gangorra.



Fonte: Cláudia Michelli (junho de 2005).

O processo de remanejamento pelo qual passou Rui, incluindo suas tentativas de voltar ao Maternal I, revelam que as crianças se organizam de diversas maneiras para encontrar seu espaço na instituição, ou seja, procuram diferentes modos de se mostrarem como sujeitos de decisões, independente das imposições feitas pelos adultos. Entretanto, seu desejo, sua necessidade de estar com seus amigos, com sua turma, não é considerado. Porém, as crianças

encontraram modos de ações que falaram por si, que revelaram protestos e permitiram que se reafirmassem enquanto sujeitos desejantes no interior da creche. Neste sentido, Kramer (2003, p. 80) afirma que a criança não é “depositária passiva da fala do outro [...] precisamos aprender com as crianças, olhar seus gestos, ouvir suas falas, compreender suas interações [...]”.

Após o remanejamento de Rui, ouvimos o que sua mãe tinha a dizer sobre esse processo. Ela afirmou: “Eu acho que a mudança de sala é boa para a criança porque já atingiu a maturidade necessária e tem que ir adiante [...] tem que ir para frente aprender coisas além daquilo que faz”. Há dois termos centrais na fala da mãe de Rui – “maturidade” e “aprendizagem” –, as quais deixam transparecer sua preocupação no que se refere à aprendizagem do filho e denotam que, para ela, o remanejamento de seu filho tanto significa o alcance da maturidade necessária quanto um “avanço” em sua aprendizagem. Neste sentido, ser criança resume-se a um estado de maturação biológica depositária de esperanças futuras.

A concepção de tempo linear, cumulativo, homogêneo e vazio, apontando sempre para o seu desdobramento inexorável no futuro parece se constituir no alicerce ideológico (...). A infância pressupõe um tempo de mudanças e de instabilidade em contraste com o tempo de estabilidade e maturidade. Supõe-se assim que a infância deve ser vista como mero estado de passagem, precário e efêmero, que caminha para sua resolução posterior na vida adulta, por meio de acumulação de experiências e conhecimento. (SOUZA, 2003, p. 44).

A infância não é um período da vida sobre o qual nós, adultos, depositamos nossas esperanças em relação àquilo que não somos ou não podemos ser. A criança não é um receptáculo que acumula experiências e conhecimentos ditados por nós, adultos. A criança interage, ela é um ser social e histórico, e isso significa o abandono da idéia do vir a ser. Se o adulto pensar a criança apenas como alguém que se apresenta num estado efêmero de passagem para a vida adulta, perde a oportunidade de se aproximar dela e compreender a sua maneira de ver e ler o mundo, suas formas específicas de atuar sobre ele e de conhecer seu olhar crítico se contrapondo àquilo que, muitas vezes, julga ser necessário no cotidiano da creche.

Rui, assim como João, manifestou seu ponto de vista em relação ao remanejamento. Ambos tentaram, de alguma maneira, retornar ao convívio com seus amigos. Embora não houvesse campo suficiente que lhes permitisse se oporem a essa decisão (remanejamento), que faz parte da história da instituição, a sutileza de suas ações tornou evidente que, mesmo havendo pouco espaço para se expressarem e pouca escuta infantil, encontraram alguma maneira de mostrar aquilo que pensavam, sentiam e desejavam.

Durante o tempo em que estávamos coletando os dados e verificando a listagem das próximas crianças que seriam remanejadas, percebemos que havia três crianças que faziam aniversário em datas próximas (dias consecutivos) e que freqüentavam a creche no mesmo período. Assim, para Fábio, Pedro e Leandro, o remanejamento aconteceria no mesmo dia. Antes disso, eles fizeram “adaptação” num único dia. Assim afirmou Antônia, educadora do Maternal I: “A adaptação foi feita com os três juntos. Na adaptação, a educadora Sueli, do Maternal II, mandou Pedro de volta para o Maternal I. Ela dizia que ele estava fazendo muita baderna e era hora deles ficarem quietos”. Fábio e Leandro continuaram no Maternal II, em média, por uma hora e, depois, foram encaminhados para o Maternal I.

A referida “adaptação” foi um pequeno momento, num único dia, que serviu para esses três meninos conhecerem a nova sala em que ficariam após serem remanejados. Não houve um planejamento para esse fim. As educadoras, a partir de sua prática, estipularam um tempo de adaptação, dependendo do comportamento das crianças. Fazemos essa afirmação com base no fato de Pedro não ter permanecido com Fábio e Leandro, na sala do Maternal II no período de adaptação, pois, conforme já mencionado, fez, segundo a educadora Sueli, “baderna”, motivo pelo qual ficou, no período de adaptação, menos tempo no Maternal II. Esse fato faz com que levantemos a possibilidade de que Pedro tenha se utilizado da “baderna” como estratégia para voltar ao Maternal I, isto é, levantamos a probabilidade de Pedro “ter feito baderna” propositalmente para voltar à sala do Maternal I, sala que era conhecida por ele e que seus amigos freqüentavam. No caso de Fábio e Leandro, consideramos que sua conformação inicial foi interpretada pelas educadoras como aceitação do fato de serem remanejados.

Durante as entrevistas feitas com Pedro, Fábio e Leandro, percebemos, em suas falas, afirmações semelhantes às de outras crianças. Neste caso, Pedro mostrou três dedos em sua mão, Fábio disse: “Fiz três anos” e Leandro afirmou: “A tia disse”, referindo-se ao fato de ter sido remanejado para o Maternal II. Suas afirmações se configuram como reflexo daquilo que lhes foi dito pelos adultos que atuam na creche.

O sujeito que fala [...] é um ser histórico. Ele está inscrito em uma sociedade que tem seus costumes, seus mitos, sua memória, sua história; e isto faz com que este sujeito não esteja tão livre para dizer o que quer, mas que fale de acordo com toda uma situação social historicamente determinada, situação esta que constitui o sujeito (NÓBREGA, 2001, p. 68).

Embora os três meninos tenham sido remanejados juntos e feito, em decorrência de terem ouvido explicações iguais sobre o remanejamento, discursos semelhantes, em suas

ações, percebemos que os três não eram parceiros nas brincadeiras e demais atividades desenvolvidas na instituição. O fato de serem remanejados com colegas que faziam parte do mesmo grupo não significou, necessariamente, que cada um desses três meninos, remanejados ao mesmo tempo, representasse uma companhia no enfrentamento desse processo. Seus amigos eram outros; amigos que ficaram no Maternal I, como mostraram suas ações durante a adaptação.

Pedro observava sempre com muita atenção a movimentação que acontecia no parque. Na sala do Maternal II, andava para lá e para cá, sempre próximo à janela. Muitas vezes, ficava em pé na janela observando as crianças do Maternal I brincando no parque. Algumas dessas crianças vinham ao seu encontro pelo lado de fora da janela, entregavam-lhe brinquedos e com ele trocavam algumas palavras. Em algumas situações em que as crianças do Maternal II iam ao parque brincar, encontravam também as crianças do Maternal I. Era uma alegria para Pedro que corria em direção aos amigos da antiga turma. Leandro e Fábio faziam o mesmo.

Leandro e Fábio fizeram tentativas para encontrar um jeito de voltar para sua antiga sala “sem que ninguém percebesse”. Nessas tentativas, utilizaram o banheiro coletivo que dividia as salas do Maternal I e do Maternal II, isto é, os meninos se encontravam, nesse local, com crianças do Maternal I e, em alguns momentos, conversavam e, em outros, somente observavam a movimentação e as brincadeiras que estavam acontecendo na sala do Maternal I (Fotos 6, 7 e 8).

Foto 6: Fábio espiando a sala do Maternal I



Fonte: Cláudia Michelli (junho de 2005).

Foto 7: Fábio conversando com seu amigo do Maternal I na porta do banheiro



Fonte: Cláudia Michelli (junho de 2005).

Foto 8: Leandro conversando com sua amiga do Maternal I na porta do banheiro



Fonte: Cláudia Michelli (junho de 2005).

As fotos 6, 7 e 8 mostram a necessidade de as crianças se reencontrarem, de estarem juntas e de partilharem suas atividades com aqueles que reconheciam como amigos. Essas ações praticadas pelos meninos remanejados podem ser explicadas por Corsaro e Eder (1990, apud SARMENTO, 2004):

No âmbito das culturas de pares as crianças realizam todo um conjunto de ações, designadamente: a associação da palavra ‘amigo’ aos companheiros com quem passam a realizar actividades partilhadas observáveis (brincar); a defesa por continuar partilhando dos espaços e brincadeiras (espaço interativo); [...] a criação de estratégias para evitar fazer o que não querem; a elaboração de ajustes secundários para contornar as regras dos adultos – estes ajustes são respostas inovadoras e colectivas, por vezes mais elaboradas que as próprias regras, que criam nas crianças a sensação de ‘grupo’; o uso de valores comunitários e o investimento na perseguição de objectivos pessoais. (CORSARO e EDER, 1990, apud SARMENTO, 2004 p. 24)

As estratégias utilizadas por Leandro e Fábio para reencontrarem seus amigos e observarem a movimentação na sala do Maternal I se repetiram em outras circunstâncias. Um dos momentos em que Fábio espiava as crianças brincando na sua antiga sala – Maternal I –, por exemplo, foi percebido por Lúcia, educadora do Maternal I, que se dirigiu até a porta para fechá-la. Ao observar que estávamos posicionadas para registrar aquele momento em fotografia, a referida educadora afirmou: “Se eu falar: ‘Aí! Você quer vir um pouquinho aqui no I?’ Claro que a criança não se acostuma nunca. Tem que ser firme, tem que ser natural”. A naturalidade de que trata a educadora refere-se a investir na criança no sentido de instigá-la a permanecer no outro grupo, fazendo com que ela aceite a situação. No entanto, essa condição se apresenta aquém do desejo da criança, pois os vínculos criados com aqueles com quem conviveu não se desfazem de um instante ao outro e não se limitam às regras institucionais.

Em relação a esses três meninos, conversamos com suas mães para saber como compreendiam o remanejamento de seus filhos.

Ele fala que está na turma dos grandes. [...] Lembro que ele comentava que outras crianças foram antes dele para o II. [...] Ele cresceu, amadureceu, é um novo estágio. Na outra sala vai fazer outras atividades. [...] Ele alcançou três anos, já não é mais um bebê. Para mim, é uma alegria porque ele vai acompanhar crianças mais velhas, fazer outras coisas; é uma conquista. Eu fiquei feliz porque vejo que ele já é grande. (Mãe de Pedro)

[...] Foi complicado, ele chorou, não queria ir. [...] Ele dizia que queria ir no Maternal I. Depois ele dizia que queria que eu ficasse lá com ele. [...] O remanejamento é bom para ele aprender mais, porque os maiores sabem mais que os menores. Aprender atividades, fazer atividades. Escrever, desenhar, essas coisas. (Mãe de Fábio)

Recebi duas semanas antes a carta da coordenadora. Até comentei: Meu Deus! Tu vai ser grande, eu não gostaria, eu gostaria que você fosse pequeno! Isso eu falei também pro meu filho, aí ele me disse: – Eu não sou mais pequeno, eu sou grande

agora.[...] Apesar dos pais quererem que seus filhos continuem pequenos, mudando de sala vai aprender coisas melhores: ler histórias, adquirir mais conhecimentos. Não que o I não tenha sido importante; elas incentivaram a ir ao banheiro e também a parte do conhecimento, por exemplo, ler histórias, contar os números até vinte. Claro que agora no II isso vai ser aprimorado. (Mãe de Leandro)

Nas falas relatadas, há um eixo comum: ir para outra sala é sinônimo de aprender coisas com um grau de dificuldade maior que o Maternal I. Isso se repetiu também na fala da mãe de Rui. Percebe-se, nas palavras das mães, que, para elas, há uma relação entre a idade e as competências construídas, uma suposição de que o fato de estar em meio a crianças maiores proporciona uma aprendizagem maior, significando um degrau que, ao ser subido, permite crescer e acumular saberes.

Se não podemos deixar de concordar que a criança é um dado etário, natural, não podemos esquecer também que esse dado está imerso na História e, conseqüentemente, é em relação à História que este etário se define. Se é verdade, ao menos em princípio, que todas as crianças crescem, é verdade também que a direção desse crescimento estará em relação constante com o ambiente sociocultural. (PERROTTI, 1984, p.14).

Segundo a concepção das mães, expressa em seus discursos, o remanejamento proporciona aprendizagem, acumulação de saberes diversos, num grau mais elevado, o que denota que, para elas, questões cognitivas estão em primeiro plano. Assim a história social da criança se inscreve a partir das expectativas dos adultos em relação a ela, sendo que o futuro é a meta definida e o hoje é transformado numa simples passagem.

No que tange à aprendizagem, reafirmada pelas mães, acreditamos que não é apenas pelo fato de estar com crianças maiores que haverá aprendizagem de uma criança menor. Temos a concepção de que é a diversidade de idades, de saberes e de relacionamentos que faz construir conhecimento, entendendo conhecimento não apenas como o acúmulo de aprendizagens específicas – recorte, colagem, pintura, reconhecimento do nome ou de letras – mas também o conhecimento de si, do outro e do ambiente em que a criança vive.

A partir das questões delineadas pelas mães entrevistadas, refletimos, novamente, sobre o papel da creche na Educação Infantil. A construção social sobre a função da creche nesta instituição está voltada para o caráter preparatório. E essa compreensão socialmente instalada ficou mascarada pelo remanejamento. Remanejar é um movimento naturalizado, e ele em si não tem significado instalado, a não ser os atributos relacionados a essa prática instituída, quais sejam: ser remanejado para o Maternal II significa ser grande. Ser grande significa estar pronto para uma nova etapa, para aprender mais, para aprender coisas que crianças grandes fazem, como pintar, recortar, colar, desenhar, etc. É como se o Maternal II fosse o ápice de

uma escalada. Alcançar o Maternal II faz com que essas mães se sintam realizadas por verem que seus filhos são capazes, que aprenderam determinadas coisas e que isso lhes possibilitou o acesso à turma “mais avançada da creche”.

No mesmo dia em que Fábio, Pedro e Leandro foram remanejados, Amanda, criança do Maternal I, fez aniversário, completando três anos. Amanda freqüentava a creche no período oposto aos três meninos, ou seja, no período vespertino.

Quanto ao remanejamento de Amanda, apresentamos alguns registros que fizemos no diário de campo:

No dia seguinte, após seu aniversário, por volta das 13h, a campainha do interfone tocou e eu fui atender. Era a mãe de Amanda com a menina. Quando a menina me viu afirmou: – “Eu quero ir no I”. A mãe pediu: – “Ela pode ir um pouco no I?” Senti-me sem ação; afinal, pode ou não pode, o que fazer? Como agir considerando a minha pesquisa? Minha reação ao ver a menina foi de impotência diante do fato. Olhei para a mãe e disse: – “Eu vou levá-la ao Maternal I por um tempo”. A mãe ficou observando pelo circuito interno o que estava acontecendo. Abri a porta do Maternal I, Vera veio até mim, pegou a menina e foi conversar com ela. Depois de um tempo, a educadora trouxe a menina para a sala do Maternal II. A menina repetia: – “Não quero ficar aqui, não quero ficar aqui”, até que Laura, educadora do Maternal II, falou em tom sério, mas com intuito de brincadeira: – “Vera, vai para tua sala que agora a menina é nossa”. A menina ameaçou chorar. Então Laura pegou-a no colo e distraiu-a; enquanto isso, Vera voltou para a sua sala dizendo: – “Isso me parte o coração”. Depois de mais ou menos meia hora, Anita, educadora do Maternal II, pegou a menina no colo, sentou-se do meu lado e começamos a conversar. Eu perguntei para a menina: – “Por que você está aqui no Maternal II?” Ela respondeu: – “A tia Vera disse”. Ficamos em silêncio um tempo. Então perguntei para Amanda: – “Você está gostando do Maternal II?” Ela respondeu: – “Eu quero ir no I depois; eu sou pequena ainda”. Em seguida, Anita, educadora do Maternal II que estava sentada ao meu lado falou para a menina: – “Não, você não é pequena; pequeno é aquele que faz xixi e cocô na calça”. A menina permaneceu em silêncio; depois todos foram tomar o café da tarde. (Registro feito em diário de campo).

No que se refere ao registro transcrito, destacamos que nele há questões que consideramos centrais. São elas: a necessidade de Amanda estar com seus amigos do Maternal I – questão que se repetiu também com as demais crianças já analisadas –; a sensibilidade de Vera, educadora do Maternal I, em se colocar no lugar de Amanda e ter que aceitar o fato de ser remanejada, mesmo não querendo; a afirmação de Amanda dizendo “eu sou pequena ainda”; e a afirmação de Anita, educadora do Maternal II, dizendo que “pequeno é aquele que faz xixi e cocô na calça”.

Amanda estava se sentindo desorientada quando percebeu que já estava no Maternal II. Desvinculada de sua turma, de seus amigos e educadoras afirmou que “era pequena ainda”, querendo dizer com isso “quero voltar para minha sala”. Vera, educadora do Maternal I, ouvindo tudo, sensibilizou-se afirmando “isso me parte o coração”. Porém, não conseguiu agir ou conduzir a situação de outra maneira, preferindo seguir a norma da instituição, ao

invés de tentar discutir sobre o assunto e considerar as afirmações de Amanda. Em contrapartida, a fala de Anita reafirma a hierarquia instaurada entre as salas do Berçário, Maternal I e Maternal II. Ao afirmar que ser “pequeno é aquele que faz xixi e cocô na calça”, a educadora nos permite compreender que, para ela, o estágio mais “elevado” da creche é o Maternal II porque, nele, as crianças têm controle dos esfíncteres e porque isso as diferencia e subordina as demais crianças que frequentam a creche. Neste sentido, a creche também é um espaço de “construção de atributos sociais classificatórios, onde a prática das educadoras sinaliza e inculca papéis sociais, morais, ideológicos e comportamentos adequados para esta ou aquela idade (PRADO, 2002, p. 104). A ação educativa na creche, vista na situação relatada, além de fazer a criança submeter-se às normas preestabelecidas, instaura, de maneira arbitrária, afirmações que vemos como preconceituosas, como a de Anita: “pequeno é aquele que faz xixi e cocô na calça”.

Enquanto Amanda não era observada pelas educadoras do Maternal II, encontrava um espaço para rever seus amigos da antiga turma (também no banheiro que ligava as duas turmas) ou dar um abraço nas educadoras do Maternal I. Havia uma relação muito grande entre ela e as educadoras. A mãe da menina fez para nós a seguinte afirmação:

Assim que recebi a carta da coordenadora, comecei a conversar com minha filha. Ela dizia que não queria ir para o II, que queria ficar com suas tias e seus amiguinhos no I. Minha filha sentiu mais a falta das tias. Quando a gente chegava na creche, ela não me deixava apertar a campainha do II, ela queria que uma tia do I viesse buscá-la. Acho que o remanejamento, assim no meio do ano, é radical demais, é brusco, mas a coordenadora disse que não pode atrasar o desenvolvimento dela. Eu acho que tem que evoluir, passar de fase, mas deveria ser no início do ano. Também acho que cada etapa é uma evolução, [...] mas no final eu não sabia quem sofria mais, se era ela ou eu. Lembro que um pouco antes dela passar para outra sala, ela pedia para mim: – Eu vou para o I ou para o II? Depois da festa do aniversário, ela pedia: – É agora que eu vou para o II? Vejo que sempre que levo ela para a creche ela pede: – Posso ir um pouquinho no I?.

Os dizeres da mãe de Amanda mostram uma reflexão sobre o remanejamento. A mãe revela que questiona as afirmações da Coordenadora achando “radical demais” o remanejamento como é praticado. Todavia, deparamo-nos, novamente, com a questão das “etapas” do desenvolvimento. Embora a mãe de Amanda acredite que “cada etapa é uma evolução”, reafirma, em seus dizeres, as dificuldades, tanto da filha quanto dela, de compreender e, conseqüentemente, aceitar esse processo. “O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida [...] (SARMENTO, 2004, p. 28)”. Como é possível compreendermos a criança apenas como alguém definido em etapas que se configuram numa escala evolutiva? O que foi vivido pela

criança há algum tempo não significa apenas uma passagem que a torna, hoje, mais capaz que ontem. O tempo, o viver da criança é reinventado a cada instante, a cada iniciativa dela em interação com o outro, em suas brincadeiras, expressões, diferentes linguagens. Não é um tempo cronológico, mas um tempo lógico, subjetivo, não podendo ser moldado ou delimitado, mas sim, devendo ser refletido por nós, educadoras responsáveis por boa parte desse tempo vivido pela criança no interior da creche.

Após alguns dias do remanejamento de Amanda, procuramos conversar com ela sobre isso. Voltamos a questioná-la sobre seu remanejamento, e ela nos afirmou: “agora eu tô grande; quem fica no II é grande”. Tentamos questioná-la com o intuito de saber o que uma “criança grande” faz. Ela respondeu: “Pinta, né”. Após afirmar isso, completou a frase dizendo: “Agora eu vou ficar na tua sala. Os pequenos ficam no I, e os grandes, no II”.

Comparando essa fala da menina Amanda com a sua fala no 1º dia do seu remanejamento, percebemos que houve uma mudança. No primeiro dia em que foi remanejada, afirmava que “era pequena ainda”, tentando, com isso, mostrar a necessidade que sentia de voltar para a sala do Maternal I. Porém, nesse momento da entrevista, após ter permanecido alguns dias em sua nova sala, afirmou que era “grande e que crianças grandes ficam no Maternal II”. Por meio da interação com o novo grupo, bem como por meio das afirmações das educadoras sobre o fato de ser remanejada, Amanda assumiu para si idéias que não eram suas, mas que lhe foram impostas de forma tão sutil que ela, naquele momento, as defendeu como suas. (NÓBREGA, 2001). Neste sentido, ela repete o que é aceito socialmente, mas não deixa de mostrar-se como alguém que tem desejos, que necessita estar em companhia daqueles que reconhece como parceiros nas atividades diárias da creche. Amanda buscou, durante muito tempo, burlar a regra de ser remanejada fugindo para o Maternal I para abraçar as educadoras e reencontrar seus amigos.

Em média duas semanas após o remanejamento de Amanda, Felipe passou por esse processo. Essa foi uma experiência diferente, pois houve o reencontro dele com seu amigo João, a primeira criança remanejada. Quando os dois se reencontraram, ficaram se olhando e um sorriso entre eles foi a linguagem que nos possibilitou compreender a necessidade desse encontro. “As crianças utilizam linguagens e formas de expressão distintas das dos adultos e nós [...] ainda não nos alfabetizamos suficientemente nestas linguagens. [...] a criança fala mais com o corpo do que com a voz. (CERISARA, 2004, p. 50)”. No dia em que Felipe foi remanejado, as crianças do Maternal II foram ao parque brincar. João e Felipe saíram da sala um ao lado do outro pulando, correndo e se escondendo. Interpretamos suas ações e gestos

como a alegria de se reencontrarem. O parque foi o primeiro ambiente onde a brincadeira entre os dois significou estar novamente ao lado de quem se gosta. O registro fotográfico desse momento se fez necessário (Foto 9).

Foto 9: O reencontro entre Felipe e João: brincadeira no parque



Fonte: Cláudia Michelli (julho 2005).

A Foto 9 é a imagem que marcou o reencontro e partilha na brincadeira entre os dois amigos.

Durante a entrevista feita com Felipe, perguntamos sobre o seu remanejamento. Ele e João estavam brincando. Quando fizemos a pergunta, os dois pararam de brincar, e Felipe nos respondeu: “Agora eu sou grande e vou ficar como o João”. A afirmação de Felipe nos fez refletir sobre a importância de as educadoras observarem suas crianças, o que pensam, como agem, o que querem e para que querem. “A observação é a base para organizar as ações pedagógicas que tenham como meta o respeito para com cada um, pelas suas singularidades, pelos sinais comunicativos que omitem”. (TRISTÃO, 2005, p. 42). A observação nos faz saber sobre o outro. Temos o entendimento de que, no espaço de educação e cuidado da creche, esse é o ponto importante que permite a comunicação do adulto com a criança. Levantamos a possibilidade de que esse tenha sido o desencontro que separou Felipe e João. Como o remanejamento é uma prática exercitada há muitos anos, acaba se tornando uma

repetição. A repetição, por sua vez, não possibilita a visualização de um “fazer” diferente ou mais flexível que considere a criança antes da norma.

Durante a entrevista feita com a mãe de Felipe, encontramos dizeres muito parecidos com aqueles proferidos por outras mães de crianças remanejadas: “Ele vai crescer, se desenvolver, fazer mais atividades com isso”. A mãe repetiu o que lhe foi dito em relação ao remanejamento do filho. Nesse sentido, o conhecimento legitimado sobre a infância é um modelo aceito como natural, como verdade que é reproduzida pela promessa do devir.

Após o remanejamento de Felipe, houve o intervalo de uma semana até que Ricardo fosse remanejado. No dia do seu aniversário, as educadoras do Maternal I, juntamente com as crianças, cantaram “Parabéns” ao menino, e ele entregou guloseimas aos colegas. A Foto 10 mostra esse momento.

Foto 10: Ricardo entregando pirulitos aos amigos do Maternal I



Fonte: Cláudia Michelli (julho 2005).

Enquanto Ricardo entregava pirulitos aos colegas de sua turma, a educadora Lúcia reforçava o momento dizendo àqueles que estavam presentes: “Ricardo já é grande e vai para o Maternal II amanhã”. No dia seguinte, iniciou sua rotina na turma do Maternal II. Nesse dia, Lúcia, educadora do Maternal I afirmou:

Ele não fez adaptação. [...] Comentávamos que ele ia para o II. Aí a gente via a reação dele, era normal. A gente sentia que não ia ter problema, que ele ia aceitar. A gente até lembrou dele, que ia passar para o II, aí a gente tava fazendo atividades

naquele dia, aí a gente até queria levá-lo no II para a adaptação, mas a gente pensou: Acho que ele vai numa boa. (Registro feito em diário de campo).

Por meio das observações do comportamento de Ricardo, bem como por meio do conhecimento prático da educadora, compreendemos o conceito do que é “normal” numa criança em processo de remanejamento. O “normal”, para Lúcia, significa a criança se submeter à regra. Como Ricardo “não precisou de adaptação” porque se apresentou para ela com um espírito conformado, foi visto como uma criança “que vai numa boa” para outra sala. Porém, o silêncio do menino parecia querer dizer alguma coisa.

Nos primeiros dias do remanejamento de Ricardo, ele caminhava pela sala com sua chupeta e fralda, observava as crianças brincando, interagia pouco e, quando isso acontecia, optava sempre por colegas que também foram remanejados. Sentia-se deslocado, mesmo havendo crianças que ele conhecia e que freqüentaram a mesma turma. Num momento informal, durante o café da manhã do qual participávamos com outras educadoras, Lúcia comentou conosco que Ricardo “gostava muito mesmo de brincar com Mara e Luana; eles esperavam juntos os seus pais buscarem, logo após o almoço”. Esse momento não existia mais agora que Ricardo fazia parte do Maternal II. Nós o encontramos, várias vezes, tentando se comunicar com Mara e Luana no banheiro que ligava os dois Maternais. Essa situação registramos em fotografia em dias diferentes (Fotos 11 e 12).

Foto 11: Ricardo conversando com Luana, sua amiga do Maternal I na porta do banheiro



Fonte: Cláudia Michelli (julho 2005).

Foto 12: Ricardo espiando a sala do Maternal I



Fonte: Cláudia Michelli (julho 2005).

Nos registros fotográficos, fotos 11 e 12, vemos Ricardo espiando as demais crianças na sala do Maternal I. Em alguns momentos, Mara e Luana dirigiam-se até o banheiro e lá ficavam os três conversando durante alguns instantes, até que alguma educadora percebesse e, então, cada criança voltava rapidamente para sua sala. Entendemos esse momento como uma

oportunidade para que educadora e criança se compreendessem e se respeitassem, para que a educadora entendesse o significado das ações, manifestações e expressões das crianças, da sua procura pelos amigos, inserindo-se nesse inusitado modo de representações e interações das crianças entre si. (MARTINS FILHO, 2005).

Durante a entrevista com Ricardo, percebemos, em sua fala, a repetição das palavras das educadoras sobre o seu remanejamento. Ele também afirmou que “já era grande” e complementou a frase dizendo: “Eu quero ir no II, não quero o I”. Suas ações eram diferentes de suas palavras, pois, denotavam que, para ele, a amizade que deixara na outra turma era importante. Embora o remanejamento implicasse uma ruptura entre ele e suas amigas, o fato de Ricardo buscar meios de revê-las significa que as crianças, cada qual a seu modo, atuam como participantes ativos, críticos e interpretativos das mensagens dos adultos. (MARTINS FILHO, 2005).

Assim como ouvimos as mães das outras crianças, conversamos com a mãe de Ricardo sobre o seu remanejamento. Durante a entrevista, ela afirmou:

Eu acho certo essa mudança que tem de uma etapa pra outra [...] como a gente tem que viver crescendo, acho que para eles também é muito importante crescer, mesmo sendo, digamos, bebê, criança. Acho muito importante, isso faz parte assim até, até pra ver a dificuldade tanto do Berçário pro I como do I pro II.

As afirmações da mãe de Ricardo também apontam para as etapas de desenvolvimento da criança. Além disso, ela também afirmou que o remanejamento é importante para ver as “dificuldades” da criança.

O modo como nos relacionamos com a infância é revelador das formas de controle da história. A necessidade de controlar o futuro faz com que a própria existência seja absolutamente enredada na previsibilidade. Passado, presente e futuro desdobram-se em fases que referendam a idéia de um processo linear que se oferece, de antemão, já decidido. A cada etapa corresponde um comportamento preciso, e dessa relação pontual é que são forjados os critérios de ‘normalidade’ e de ‘bom andamento’ do próprio desenvolvimento. (PEREIRA e SOUZA, 1998, p.31).

Pensar na infância, na criança, como um mero estado de passagem que necessita de estimulação para, futuramente, ser ou deixar de ser esta ou aquela pessoa, lembra a idéia de progresso e de sustento de uma sociedade capitalista na qual um precisa ser melhor que o outro em determinado aspecto para se sobressair, para sobreviver e ter seu espaço no mercado de trabalho. Esta também é uma das questões que sustenta as instituições de educação em etapas, séries ou fases. Enquanto as crianças são agrupadas seguindo critérios etários e comportamentais, as educadoras podem comparar as “normalidades” e “dificuldades” que as crianças apresentam em cada “estágio da sua vida”, a partir daquilo que estabelecem como

verdades construídas ao longo da sua prática. Neste sentido, a creche torna-se uma espécie de iniciação, pois o que conta, nesse ambiente, é o efeito que se produz na criança inserindo-a nos valores do sistema. (GUATARRI, 1987). Esses valores são encontrados, por exemplo, nas falas de mães e de educadoras, mas, não porque elas dizem isso, pois estas também estão inseridas num sistema que visa à produção, ao consumo, ao futuro promissor para aquele que é “estimulado” desde cedo a produzir. Nesse caso, não são as mães e educadoras que dizem, por si sós, essas palavras; elas reproduzem aquilo que, no momento histórico em que vivem, é relevante.

Aproximadamente um mês após o remanejamento de Ricardo, Rita foi remanejada. Sobre o seu remanejamento, Antônia, educadora do Maternal I, afirmou: “Foi esquecida a dita adaptação com ela. A gente nem lembrou. Aí a coordenadora achou que com ela não precisava, porque ela é uma criança que, se der um pouquinho de atenção, não vai ter problemas”.

Os critérios de adaptação, para as crianças que serão remanejadas, adotados pela instituição participante desta pesquisa nos mostram que, pela superficialidade do olhar, tanto da educadora quanto da coordenadora, são selecionadas as crianças que necessitam vivenciar esse processo. Diante dessa constatação, perguntamos: Será que “um pouquinho de atenção” das educadoras do Maternal II basta para suprir a ruptura do vínculo de Rita com seus amigos e educadoras do Maternal I?

Logo após seu aniversário, Rita passou a frequentar o Maternal II. Também se sentia deslocada, como seus colegas que já haviam sido remanejados, caminhava pela sala de um lado ao outro, sentava-se próximo à sua bolsa e observava as brincadeiras das demais crianças na sala. Esta situação foi registrada em fotografia (Foto 13).

Foto 13: Rita sentada perto de sua bolsa



Fonte: Cláudia Michelli (Agosto 2005).

Além de ficar sentada próximo à sua bolsa, Rita buscava ficar alerta para ver o que acontecia na sua antiga sala. Durante as brincadeiras no parque, caso encontrasse as crianças e educadoras do Maternal I, corria ao encontro deles, abraçava-os, conversava e brincava. A mãe da menina, durante a entrevista, protestou em relação ao remanejamento da filha:

O remanejamento foi horrível. Ela virou a tampinha da turma. Eu procurei a coordenadora e pedi para ela colocar minha filha de volta no Maternal I, mas ela disse que não pode, que tem que obedecer à idade. Eu queria que ela tivesse continuado no I. Uma tia do Maternal I disse que de vez enquanto ela foge para o I para matar a saudade dos amiguinhos.

Embora a mãe de Rita tenha conversado com a coordenadora sobre a situação vivenciada pela filha, a “idade” da menina impossibilitou o atendimento de sua reivindicação. A concepção de educação alicerçada numa preocupação com o desenvolvimento humano encarrega-se de vigiar a sua idade e o seu desenvolvimento baseando-se em normas preconcebidas de incentivo à maturação. “O que poderia ser compreendido como uma construção do sujeito mediada por sua inserção histórico-cultural, adultera-se num processo de assujeitamento da criança a um modelo [...] universalizante e a-histórico”. (PEREIRA e SOUZA, 1998, p. 31). Em referência ao assujeitamento, temos o entendimento de que a criança está numa condição subalterna, sendo que os adultos decidem o caminho que deve seguir e as regras que devem ser cumpridas. As crianças aprendem, desde cedo, sobre as regras e as normas, mas também aprendem sobre os diferentes dispositivos para infringi-las. Toda instituição tem suas normas e regras. As sociedades dispõem delas para que exista uma

certa ordem que possibilite a convivência entre os sujeitos desse meio. Os adultos também estão sujeitos a elas, não sendo livres para fazerem, em qualquer momento e lugar, o que têm vontade. Entretanto, há algo que os coloca numa condição diferenciada: a palavra. Podem falar ao outro, recorrer às decisões, discutir, se posicionarem. Quanto a esse aspecto, a criança está em desvantagem, pois sua palavra é considerada a partir da idade que fala, e não, do conteúdo que expressa.

Em relação à fala, buscamos ouvir o que Rita tinha a dizer em relação ao seu remanejamento. A menina, além de afirmar que “já era grande”, disse para nós que gostava muito “do Maternal I, mas agora vou gostar do II”. A partir da norma do remanejamento, os adultos tentam escrever, na história da criança, como será sua socialização, sua interação entre pares, sua aprendizagem. Todavia, a criança, como sujeito desejante, tenta encontrar, em meio a essas determinações, inúmeras formas de ressignificar e reconstruir seu campo de interação social. As crianças surpreendem e demonstram que, mesmo estando em meio às determinações dos adultos, percebem-se por meio de suas atitudes sobre as quais o adulto não tem o “comando” que julgam ter, ou seja, o inusitado, o imprevisto, o improvável salta aos olhos do adulto por meio das ações das crianças, como, por exemplo, as “fugas” de Rita, sem que ninguém percebesse, para reencontrar-se com seus colegas do Maternal I.

Ainda durante o mesmo mês, mais especificamente quinze dias após Rita estar no Maternal II, Mônica foi remanejada. Essa menina teve experiência de uma hora de adaptação durante um dia para “familiarizar-se” ao novo local. Segundo Antonia, educadora do Maternal I, Mônica “é uma menina quietinha, demora para se entrosar, mas depois se solta. Ela tem três grandes amigas aqui no Maternal I”. De fato, o que foi afirmado pela educadora, presenciamos durante as observações. A menina observava tudo sempre com muita atenção, não interagia com as crianças do Maternal II e pouco falava com aqueles que também foram remanejados. Encontrava meios para observar o Maternal I, porém não chegava a “fugir”. No banheiro que dividia as duas salas, interagiu com suas colegas do Maternal I. A mãe de Mônica, durante a entrevista, comentou sobre as dificuldades de Mônica durante o remanejamento:

Ela estranhou por causa das tias, aí ela não queria mais ir. Ela dizia que os meninos brigavam com ela. Uma tia me disse que as outras crianças tratavam ela como bebê, queriam pegar ela no colo como neném. Eu levava ela lá e ela começava a chorar, teve uma vez que gritava e chorava que eu fui obrigada a trazer de volta.

Mônica, embora não fugisse para o Maternal I, não se sentia à vontade no Maternal II. Segundo a mãe, isso acontecia pelo estranhamento dela em relação às educadoras e demais

crianças. Embora o remanejamento signifique, para as educadoras, que a criança “já é grande”, para a criança, o que fica evidente são seus vínculos desfeitos durante esse processo. Mônica, durante a entrevista, nos pareceu ter elaborado de maneira diferente das outras crianças o seu remanejamento. A menina, embora tenha afirmado “ser grande”, nos disse: “agora não vou mais com a amiga”, e complementou a frase dizendo: “As tias tocaram eu de lá, agora eu vou no II”. Mônica salientou o desfecho da sua história com a perda da amizade dela com uma menina do Maternal I e levou consigo a referência de que as educadoras não a queriam mais naquela sala. Nesse sentido, percebemos a necessidade de diálogo entre adulto e criança, resgatando, assim, os princípios da alteridade. Precisamos reconhecer que somos incompletos e ativarmos em nós, adultos, a sensibilidade de vermos e nos colocarmos no lugar do outro, ouvir o que ele tem a dizer sobre suas experiências, medos, alegrias, necessidades. Esse pode ser um itinerário possível que possibilite que a participação da criança no ambiente da creche seja de fato uma realidade. (AGOSTINHO, 2005).

A discussão aqui realizada desvelou a necessidade que a criança sente de estar com aqueles que elege como companheiros em suas atividades, bem como a necessidade de adultos se alfabetizarem nas linguagens das crianças. Para tanto, “nossa preocupação é construir uma compreensão da experiência da infância [...] que nos permita uma redefinição do lugar social ocupado pelos sujeitos na imbricada rede de relações intersubjetivas e socioideológicas que os constituem” (PEREIRA e SOUZA, 1998, p. 36).

Queremos complementar os dizeres de Pereira e Souza, afirmando que precisamos redefinir a creche aqui enfocada e torná-la um lugar onde o espaço de convergir e divergir seja uma construção que permita ouvir a voz da criança, onde o diálogo com ela seja considerado. Precisamos repensar nossas convicções e verdades construídas pelo tempo e configuradas por uma prática muitas vezes repetitiva e isenta de questionamentos.

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão central relacionada ao remanejamento é a compreensão de que a criança se desenvolve em etapas e de que cada etapa sustenta comportamentos específicos relacionadas à idade cronológica. Neste caso, as crianças merecem atenção da educadora para serem estimuladas e preparadas para posteriores etapas. Assim, na creche enfocada nesta pesquisa,

crianças do Berçário são preparadas para o Maternal I, crianças do Maternal I são preparadas para o Maternal II e, conseqüentemente, as crianças do Maternal II são preparadas para o seu ingresso no Jardim de Infância ou Pré-escolar. A preparação se encontra nos dizeres e nas ações dos sujeitos envolvidos com a educação da criança nesta creche.

Compreender a criança como alguém que se desenvolve em etapas significa seccionar e limitar suas interações nesse ambiente heterogêneo e possibilitador de descobertas e aprendizagem que é a creche. Além disso, faz com que acreditemos que a criança não é um sujeito desejante, ativo e falante, e sim, alguém incompleto, inacabado, imaturo e sem voz. As relações que a criança estabelece com o outro, com o meio, por intermédio de brincadeiras com seus pares e educadoras, durante os momentos de alimentação, higiene e descanso lhes proporcionam aprendizagem, conhecimento de si, do outro e do grupo com o qual convive. A criança é ativa e participativa, embora tenha pouco espaço para isso.

O espaço que a criança tem nesta instituição está circunscrito pela voz da educadora, da coordenadora e das regras estabelecidas, que são o centro de todas as decisões sobre a criança e fazem com que a mesma se configure como alvo da verdade do adulto. “Você já é grande”, frase ouvida inúmeras vezes, implica a determinação do lugar, dos amigos, das educadoras, da rotina e das novas tarefas que farão parte da vida da criança a partir do seu aniversário.

Embora esse espaço seja marcado por determinações dos adultos, compreendemos que a criança busca construir seu lugar na instituição. Discutimos esta questão, mostrando o que ouvimos e o que observamos no que tange a algumas crianças durante seu remanejamento. Em suas falas, as crianças repetem o que lhes foi dito. Porém, em suas ações, deixam clara a necessidade que têm de estar com seus pares e educadoras, no seu ambiente e em sua rotina. A “fuga”, o isolamento, o silêncio, o choro, as conversas com seus colegas longe dos olhos e dos ouvidos das educadoras, a vontade de não querer ir à creche e o pedido feito às mães para deixá-los voltarem à sala anterior são indicativos para repensar e ressignificar, tanto a prática do remanejamento quanto o papel da creche no que se refere à Educação Infantil.

A prática de remanejar as crianças a partir da idade mostrou-se mecânica, não sendo, por conseqüência, questionada. Porém, a partir das nossas observações e dos questionamentos sobre o remanejamento, pudemos perceber que havia algumas educadoras que começavam a refletir sobre isso, mas sem saber como poderia ser diferente, como poderia ser esta creche sem precisar remanejar as crianças. Neste sentido, verificamos que, mesmo essas educadoras percebendo que as crianças remanejadas não aceitavam essa condição, continuavam dizendo-lhes que “eram grandes”, inculcando uma verdade, encobrendo as manifestações das crianças e ignorando a recusa delas em relação a essa determinação. Assim, acreditamos que pensar a

creche de outra maneira “exige que se considere e compreenda a função da participação das crianças através dos seus indicativos” (COUTINHO, 2002, p. 145). Ouvir, observar e compreender as crianças não basta. É necessário saber o que fazer com o que se viu e ouviu.

A participação da criança na organização do seu lugar em instituições de educação foi discutida por Sarmiento (2005). O autor justifica esta questão afirmando que a voz da criança precisa ser compreendida como um instrumento de organização desse espaço por meio de uma parceria em que haja diálogo. Esta questão está relacionada não apenas à voz da criança em si, mas também, às suas diferentes maneiras de expressão. A voz e as expressões das crianças não podem ser vistas apenas como um instrumento de expressão de dúvidas e incertezas. Quando afirmamos sobre a necessidade de ouvir a criança, queremos com isso dizer que ela, sendo ator desse espaço, e não, mero coadjuvante, pode nos dar pistas sobre uma instituição (creche) que, de fato, tenha como objetivo a criança real, aquela que está diante dos nossos olhos, e não aquela que pretendemos preparar a partir daquilo que julgamos ser importante como um depósito de nossas esperanças futuras.

Ainda em relação à participação da criança, consideramos ser necessário frisar que compreender a criança como ativa, pensante e participativa não impossibilita ou censura a educadora em sua atuação, no exercício do seu papel na creche. Essa participação sobre a qual falamos refere-se a manter a criança como parceira, sem que nem o educador nem a criança caminhem um à frente do outro, mas, lado a lado, na organização da rotina e da prática desse local.

Por meio das observações feitas durante o dia-a-dia da creche, pudemos entender que, embora a instituição seja organizada com o intuito de atender às necessidades da criança, a sua organização está pautada na facilidade de o educador atendê-las, ou seja, as idades próximas possibilitam a previsão da educadora em seu atendimento, já que há um grande número de crianças atendidas em cada sala. Se houvesse crianças de idades variadas em cada turma, a rotina seguiria outro curso, o que desorganizaria essa facilidade no atendimento. O padrão homogeneizador que mantém a idade como fator organizador de turmas traz certo conforto e previsibilidade. Todavia, precisamos ter claro o que pretendemos enquanto educadoras infantis: queremos atendimento em massa e homogeneizador ou prezamos pela qualidade das relações, interações das crianças que frequentam esse ambiente?

Várias questões são relevantes para que possamos refletir sobre o remanejamento da criança nessa creche. Dentre elas, podemos começar pela educação que pretendemos nesse ambiente e o papel da creche na Educação Infantil. Refletir se o remanejamento é viável ou não para a criança tratará de uma pequena parcela da grande discussão. Neste sentido, a

pesquisa apresentada tentou trazer à tona questões reais do dia-a-dia de uma creche. Esperamos que essas reflexões possam auxiliar a discussão, não como uma receita, mas como um registro daquilo que vivemos. A pesquisa não termina exatamente neste ponto, pois outras tantas discussões serão possíveis. Cabe traçar objetivos, construir caminhos que sejam marcados pelo encontro entre educadoras e crianças que, como parceiros, se entendem, se respeitam e dialogam, tendo em vista uma Educação Infantil de qualidade. Neste sentido, ser grande ou ser pequeno pouco importa. O que vale é a história de cada um e de todos.

### 3. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. Creche e pré-escola é “lugar” de criança? In: MARTINS FILHO, Altino José. (Org); RECH, Ilona Patrícia Freire; AGOSTINHO, Kátia Adair; BONETTI, Nilva. **Criança pede respeito: Temas em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p 419 – 442, Maio/Ago. 2005, ISSN 0101 – 7330.

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. Infância e educação inclusiva. In: **Perspectiva**, Florianópolis, vol 23, n. 01, p 65 – 77, jan./ jul. 2005, ISSN 0102 – 5473.

CERISARA, Ana Beatriz. Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: Primeiras aproximações. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: ASA, 2004.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GUATTARRI, Felix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KRAMER, Sônia. **Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil**. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sônia. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS FILHO, Altino José. Culturas da Infância: Traços e retratos que as diferenciam. In: FILHO, Altino José Martins. (Org); RECH, Ilona Patrícia Freire; AGOSTINHO, Kátia Adair; BONETTI, Nilva. **Criança pede respeito: Temas em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005. “Dois negritos” .

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p 391 – 403, Maio/Ago. 2005, ISSN 0101 – 7330.

NÓBREGA, Mônica. Professor: Lugar de poder. In: CORACINI, Maria José; PEREIRA, Aracy Ernst (orgs). **Discurso e sociedade**. Pelotas: EDUCAT, 2001.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sônia; PEREIRA, Maria Isabel Ferraz (Orgs). **Infância e produção cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (org). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PRADO, Patrícia Dias. Quer brincar comigo? Pesquisa, brincadeira e educação infantil. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

QUINTEIRO, Jucirema. **A emergência de uma sociologia da infância no Brasil**. In: 26º REUNIÃO DA ANPED. Disponível em: [www.anped.org.br/26/trabalhos/juciremaquinteiro.rtf](http://www.anped.org.br/26/trabalhos/juciremaquinteiro.rtf). Acesso em setembro 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos**: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Portugal: ASA, 2004.

\_\_\_\_\_. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p 361 – 378, Maio/Ago. 2005, ISSN 0101 – 7330.

SARMENTO, Manuel; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel. **As crianças**: contextos e identidades. Portugal, Centro de Estudos da Criança: Editora Bezerra, 1997.

SOUZA, Solange Jobim e. Ressignificando a Psicologia do Desenvolvimento: Uma Contribuição Crítica à Pesquisa da Infância. In KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. (orgs.). **Infância**: Fios e Desafios da Pesquisa. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

TRISTÃO, Fernanda Carolina D. “Você viu que ele já está ficando de gatinho?” Educadoras de creches e desenvolvimento infantil. In: FILHO, Altino José Martins. (Org); RECH, Ilona Patrícia Freire; AGOSTINHO, Kátia Adair; BONETTI, Nilva. **Criança pede respeito**: Temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.